

*O pó da sombra*¹

João de Mancelos

Alguns poemas do livro

ars poetica

os pequenos incidentes dos dias
não são mais do que dobras e vincos.
poema a poema, passo a alma a ferro.

mil novecentos e oitenta e cinco

nesse tempo, deus existia ainda
e tudo quanto era frágil respirava
loucamente.

havia sempre música
para os cleptomaniacos do coração,
cada menina, uma letra incompleta.

os rapazes cresciam
com olhos prateados
e totens erguidos nas dunas.

debaixo da saia das raparigas
havia flores rasgadas
e sonhos de cavalos bêbedos.

tão jovem, só o vento
— e as revoluções do amor
que beijo a beijo atraíçóávamos.

¹ Mancelos, João de. *O pó da sombra*. Lisboa: Colibri, 2014.

canção para um navio distante

o teu corpo brilha na noite,
como um navio clandestino,
à deriva pelo sono.

às vezes, na escuridão,
se a maré muda e o medo desperta,
o teu corpo ancora a meu lado.

abre no meu ser incandescente
uma ferida, uma ilha de sal,
uma passagem para o mar.

e sílaba a sílaba, meigamente,
verto o azul frio do lume
no meu peito naufragado.

à hora do vento, à hora da maré,
o teu corpo é sempre
o mais belo navio de cada noite.

lolita

naquela idade, ela é uma flor de fogo,
tão bela e maldita
quanto o amor.

aparelho nos dentes, beijos de menta,
desvanece-se como o balão de um chiclete,
os lábios feridos de sangue.

para atravessar a noite contigo,
a alma e só a alma
é o mínimo que te pede.

depois do amor

às vezes, depois do amor,
quando feras dóceis rondam o nosso sono,
e afastam os passos dos teus amantes,

às vezes, quando me encosto à nudez, exausto,
e tomo o peso às tuas palavras,
e fico sempre devedor,

às vezes, quando me inventas um nome
para que a madrugada chegue
e eu não tenha de morrer nunca mais,

às vezes, penso no deus que te perdeu,
e choro, às escondidas,
por ele.

pedidos de empréstimo

toda a noite, as vozes de poetas mortos
me emprestaram versos e canções,
numa insónia ardida até à madrugada.

whitman e pessoa, os mais insistentes,
cintilavam poemas distantes,
ecos de júbilo e melancolia a jovens bárbaras.

poderei devolver o vinho doce
a quem não o pedi?
quantas moedas vale um verso roubado?

toda a noite tapei os ouvidos
e supliquei ao cão que uivasse, até o silêncio doer
e a manhã voltar o rosto para leste.

relâmpago

se os dias tivessem côdea,
a infância saberia a sementes ou doce de amora,
no final de uma tarde de verão.

a vida nesse tempo era feita de coisas simples,
como perseguir os gatos, pé ante pé,
sobre os muros coroados de vidro verde,

ou ser mais azul nas asas das andorinhas,
que sossegavam a melancolia
na luz de manhãs onde sangrar era impossível.

não havia dor nem palavra inútil,
nem adão nem eva nem serpente,
nem a solidão vadia dos cães pelo pomar.

nada acontecia, os deuses repartiam a eternidade
com os humanos, o vento lavrava a seara
e mentia-lhe sobre a morte.

submissão

quando tinhas quinze anos e eu vinte,
na tua compaixão
pela minha sede,

deixavas-me lambe-te as feridas dos joelhos,
e fazer amor
com a tua sombra nua.

vive

a poesia vive de palavras descalças
e de praias onde as pegadas
são tão leves quanto o sal.

vive do som de punhais deslizando
pela noite, e de madrugadas florindo
como a cauda de um pavão.

vive de desertos onde a música
é porcelana ao vento, e de jovens
que cantam o vinho do sonhador.

vive da aflição de memórias morrendo
com a chuva, e de anjos
que lavam a dor de cada noite.

a poesia vive em ti, mas não por ti.
a poesia és tu, o teu nome, um verbo,
cada sílaba, migalha de luz.

há mais de quinze anos

vivíamos trocando beijos envenenados
e discussões em círculos,
há mais de quinze anos.

durante a noite, no lavatório,
uma torneira contava o silêncio
gota a gota,

e mantinha-me fiel ao ódio a ti,
que cheirava a cigarros
e corpos secos de amor.

quando te foste embora,
não me espantei,
não consertei a torneira, nem o silêncio.

só tive saudades do ódio,
de que tanto precisava
para poder dormir em paz.

Sinopse

O pó da sombra, o quinto livro de poemas de João de Mancelos, resulta de quase década e meia de trabalho. Na primeira parte, o autor percorre a latitude da paixão, desde a perda ao júbilo, passando pela incerteza. Na segunda, evoca cidades de vários continentes, da mítica Atlântida às metrópoles da antiguidade, e capta, em fragmentos de rara beleza, o génio de cada lugar. A sua obra é habitada por adolescentes solitários, amantes que vivem na dúvida, poetas na busca incessante da palavra exata, ou figuras conhecidas das letras, que aqui regressam à vida. Trata-se, em suma, da confirmação de um poeta capaz de dominar, com invulgar engenho, a musicalidade, a metáfora e a imagem.